

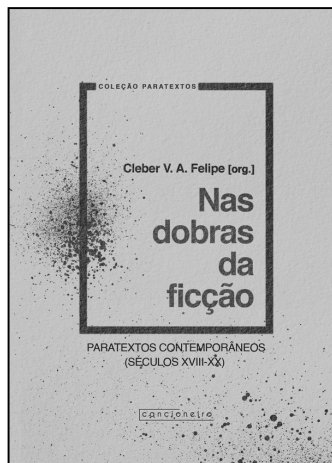
Antes do discurso: os paratextos em obras anteriores à modernidade literária

Gabriel Furine Contatori⁹⁶

Resenha de: FELIPE, Cleber Vinícius do Amaral (org.). **Retórica dos paratextos**: da antiguidade ao século XVIII. Teresina: Cancioneiro, 2026.

A obra *Retórica dos paratextos: da Antiguidade ao século XVIII*, organizada por Cleber Vinícius do Amaral Felipe e publicada, em 2026, pela editora Cancioneiro, constitui o primeiro de seis volumes previstos e destaca-se por dois motivos. Em primeiro lugar, por dedicar-se aos “paratextos” – termo cunhado pelo estudioso francês Gérard Genette; segundo. Em segundo lugar, por estudar paratextos anteriores à modernidade literária, isto é, textos produzidos da Antiguidade ao século XVIII d.C. A obra debruça-se, assim, sobre um conjunto de paratextos frequentemente negligenciado, tanto por leitores quanto por editores, e que integra um *corpus* igualmente pouco explorado pelos estudos especializados.

Para evidenciar a relevância do livro organizado por Felipe, cabe definir seu objeto, isto é, o conceito de paratexto. No *Vocabulário Português e Latino* (1728), do religioso teatino Raphael Bluteau, não há a definição de “paratexto” – termo cunhado na década de 1980 –, mas a de “prólogo”, termo correlato. A palavra “prólogo”, se-



⁹⁶ Doutorando em Letras (área de Estudos Literários) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

gundo Bluteau, é formada da preposição latina *pro* e do termo grego *logos*. Assim, “prólogo” designa algo que antecede o discurso, tido como principal. Bluteau enfatiza a existência de prólogos (a *Loa*) no teatro antigo. Na comédia, por exemplo, o prólogo tinha por finalidade apresentar discursos que “eraõ ou a favor do Poeta, ou em abono dos Comediantes, ou hum, & outro juntamente para conciliar a benevolência dos ouvintes” (Bluteau, 1728, v. 6, p. 771). Mais adiante, Bluteau apresenta outra ideia que é fundamental para se entender a função de um prólogo: ele, como um episódio, não pode ser separado do restante da obra.

A partir das definições acima, nota-se que o prólogo ou paratexto, diferentemente do que se possa pensar hodiernamente, não constitui um elemento acessório ou desnecessário. Como sintetiza Bluteau, o prólogo não é dissociado da obra de que faz parte e, além disso, tem uma finalidade retórica específica: captar a benevolência (*captatio benevolentiae*) do leitor. Nessa direção, em tratados da Antiguidade, como a *Retórica*, de Aristóteles, aponta-se, por exemplo, que o prólogo serve para preparar o caminho e dar o tom da composição (Aristóteles, 2012, p. 215).

O livro organizado por Felipe procura, então, repor a importância dos paratextos, destacando a relevância deles para a compreensão de obras que vão da Antiguidade ao século XVIII da nossa era. Para isso, o livro reúne vinte e seis capítulos elaborados por “pesquisadores autorizados, isto é, responsáveis por pesquisas consistentes que conferem autoridade ao que dizem” (Felipe, 2026, p. 9). Os capítulos dedicam-se a autores como Cícero, Horácio, Plínio o Velho, Tácito, Dante Alighieri, Geoffrey Chaucer, Maquiavel, La Fontaine, Miguel de Cervantes, Tomás Antônio Gonzaga, entre outros. O livro, assim, abarca autores “antigos”, “medievais” e “modernos”.

De maneira geral, embora as obras e os autores analisados em cada capítulo sejam distintos, o livro apresenta uma unidade metodológica. Na esteira dos estudos desenvolvidos por intelectuais brasileiros, como João Adolfo Hansen e Alcir Pécora, os autores e autoras de *Retórica dos paratextos* buscam “historicizar prólogos, prefácios, notas, advertências, dedicatórias, posfácios e outros artefatos paratextuais” (Felipe, 2026, p. 9). Em outras palavras, procuram ler os objetos à luz das convenções vigentes em seu contexto de produção e

de recepção. Reconhece-se, dessa forma, que leitor e autor estão em pontos diferentes do tempo, sendo conveniente, para ler de forma menos anacrônica objetos anteriores à modernidade literária, reconstruir ou historicizar os “procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas no período em questão” (Pécora, 2018, p. 12).

Retórica dos paratextos, então, afirma-se como um livro relevante tanto para compreender as obras que se estendem da Antiguidade aos Setecentos, como também para elucidar a relevância dos paratextos. Os paratextos, como os capítulos demonstram, evidenciam os dispositivos da captação de benevolência, definem o gênero da obra, veiculam as *auctoritates* que integram o repertório cultural do escritor, dialogam com o leitor etc. Em suma, a leitura atenta da coletânea permitirá ao leitor no término do livro, reconhecer que, como afirma Felipe (2026, p. 16), “aquilo que parecia acessório revela-se, afinal, essencial”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução: Manuel Alexandre Júnior; tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coiembra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1728. 8v.

FELIPE, Cleber Vinícius do Amaral (org.). *Retórica dos paratextos: da antiguidade ao século XVIII*. Teresina: Cancioneiro, 2026.

PÉCORA, Alcir. *Máquina dos gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage*. 2 ed. São Paulo, SP: EDUSP; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.